

**AQUISIÇÃO ORTOGRÁFICA:  
'SAU' OU 'SAL'; 'PEGO', 'PEGOL' OU 'PEGOU'**

Cinara Miranda Lima (PIC-UFPeI)  
Carla Juliana Formulo Dhein (PIC-UFPeI)  
Ana Ruth Moresco Miranda (FaE-UFPeI)

**INTRODUÇÃO:**

O ditongo pode ser definido, de acordo com Câmara Jr. (1973:151), “como um grupo de dois fonemas vocálicos pronunciados na mesma sílaba sonora”. Esse grupo é constituído de uma vogal base e de uma vogal auxiliar assilábica, /i/ ou /u/. Os ditongos decrescentes, para Bisol (2001), podem ser classificados como verdadeiros e falsos. São verdadeiros ditongos aqueles cuja vogal alta não pode ser suprimida na variação, 'pauta' não será pronunciada como 'pata'. Já os falsos ditongos são aqueles em que se observa uma alternância entre a pronúncia de um ditongo e de um monotongo, prevalecendo, na maioria dos dialetos, a monotongação. Esse fenômeno é observado em contextos específicos, a saber, quando antecedem as consoantes /ʃ/ e /r/, como em 'caixa' ~ 'caxa' e 'feira' ~ 'fera'.

Há também aqueles casos em que a vogal seguida da consoante lateral, VL, na maioria dos dialetos do português, passa a ser produzida como uma seqüência vogal mais glide, como por exemplo, em palavras como 'palco' e 'sal' que passam para p[aw]co e s[aw], respectivamente.

As formas do verbo, quando flexionadas na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito, por efeito da morfologia, criam um ditongo de final de palavra, o qual é sistematicamente apagado na pronúncia dos falantes quando os verbos são da primeira conjugação. Assim, formas como 'apagou' e 'cantou' são produzidas como acab[o] e cant[o].

Esse conjunto de fenômenos característicos da fonologia da língua apresenta, na ortografia, algumas especificidades. Os ditongos derivados da forma VL são, na maioria das vezes, grafados com 'l', porém em palavras como 'chapéu' e 'céu' essa regra não se aplica. Por esse motivo, segundo Lemle (1982), esses casos representam um caso de relação múltipla no sistema ortográfico, o qual se define arbitrariamente.

Os ditongos morfológicos relativos às formas dos verbos da primeira conjugação, assim como os falsos ditongos, embora sempre grafados com a vogal alta, são raramente pronunciados.

Nos dados de escrita, podem ser observadas diferentes estratégias, utilizadas pelas crianças para grafarem esses ditongos: apagamentos, substituições e inserções. Os casos de apagamentos e substituições são caracterizados como erros motivados foneticamente, enquanto os casos em que letras são inseridas ou ainda substituídas podem configurar casos de supergeneralização. A supergeneralização ocorre quando a criança, após compreender a distinção entre a língua falada e a língua escrita, começa a corrigir os erros ortográficos, estendendo as regras aprendidas a contextos indevidos. A supergeneralização, neste trabalho, envolve dois tipos estratégias utilizadas pelas crianças: alteração na grafia por 'l' ou por 'o', no caso dos morfemas verbais como em 'queimol' e 'vio'; e das codas medial e final, como em 'flalta', 'chapel' e 'céo'.

Segundo Carraher (1986), a criança generaliza, quando descobre que 'u' átono, no final de palavra é, freqüentemente, representado por 'o' ou por 'l', então grafa 'viu como 'vio' ou 'vil', sem se dar conta de que o morfema de 3ª pessoa do singular, no pretérito perfeito, é convencionalmente grafado com 'u', como 'bebeu' e 'andou', por exemplo.

Os erros motivados foneticamente são aqueles em que se observa uma tentativa da criança de reproduzir na escrita os sons da fala, a criança escreve motivada pela forma fonética. No caso dos dados estudados, observamos esse tipo de erro quando as crianças apagam o morfema verbal ou então substituem o 'l' pelo 'u' na posição de coda medial e final dos nomes. 'chego', 'augum' e 'finau' são, respectivamente, alguns exemplos.

A relação entre letras e fonemas é, para o aprendiz, bastante complicada, já que o sistema ortográfico do português não é baseado nos sons que os falantes produzem. A criança ouve uma seqüência, ou não a ouve, e a grafia pode ser ora de um jeito ora de outro.

Segundo Faraco (2001), os “erros” observados na grafia dos alunos devem ser encarados como parte do processo de internalização do sistema ortográfico. Em geral, esses erros são perfeitamente previsíveis e decorrem, em boa parte, das próprias

características do sistema gráfico e da hipótese generalizante de que há correlações uniformes e biunívocas entre letras e sons.

Neste estudo, serão analisados dados de escrita infantil, referentes à grafia de dois tipos de ditongos:

**Grupo 1:** Ditongo com a vogal alta 'u', tanto aqueles derivados da forma fonológica VL (vogal + consoante líquida) como os derivados da forma VV;

Exemplos: 's[aw] gado' e 'rest[aw]rante', respectivamente.

**Grupo 2:** Ditongos com vogal alta 'u' derivados da flexão do verbo na 3ª pessoa do singular de formas do passado;

Exemplos: fug[iw], part[iw];

### **OBJETIVOS DO ESTUDO:**

Descrever e analisar a forma como as crianças grafam o morfema número pessoal -u dos verbos na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito;

Descrever e analisar a forma como as crianças grafam a vogal alta fonética 'u' de final de sílaba, tanto no meio como final de palavra;

Comparar os resultados da escola pública com aqueles da escola particular.

### **METODOLOGIA:**

Os dados analisados e descritos foram extraídos do Banco de Textos pertencente à pesquisa intitulada *Aquisição e desenvolvimento da escrita: ortografia* desenvolvida na Faculdade de Educação da UFPel, desde 2001. Os textos analisados foram produzidos de maneira espontânea por crianças de 1ª a 4ª série dos anos iniciais, pertencentes a duas escolas de Pelotas, uma pública e outra particular. Os sujeitos da pesquisa são crianças com idades entre 6 a 11 anos.

O Banco de textos possui 2020 textos. Para esta pesquisa, porém, foram utilizados apenas 50% dos textos, ou seja, aproximadamente 1000. Do material analisado, foram extraídas todas as palavras em que se observava o contexto a ser estudado, ou seja, palavras em que o ‘u’ ou ‘l’ deveriam ser grafados em posição de final de sílaba dentro ou no final da palavra. Foram extraídas dos textos tanto as formas corretas como aquelas incorretas.

## RESULTADOS:

Os quadros (1) e (2) mostram os resultados obtidos a partir da computação dos dados analisados relativamente a cada uma das escolas, considerando-se a classe gramatical da palavra e o tipo de ditongo envolvido.

Erros e acertos de acordo com a categoria gramatical e o tipo de ditongo

### (1) Distribuição dos erros ortográficos de acordo com as séries - Escola Pública

verbos	1ª série %	2ª série %	3ª série %	4ª série %
ou	9,3 0 90,6	0,9 0,3 98,7	3,1 0,3 96,6	2,2 0,9 96,9
iu	11,7 0 88,2	10 0 90	22,5 2,5 75	20,5 0 79,5
eu	0 100	0 100	0 100	1,89 98,1
<b>não-verbos</b>				
Posição medial				
u	88,5 11,5	87 13	78,4 21,6	86,4 13,6
l	100 0	71,4 28,6	72 28	93,9 6,12
Posição final				
u	100 0	100 0	85,7 14,3	100 0
l	100 0	100 0	94,3 5,7	98,1 1,9

(2) Distribuição dos erros ortográficos de acordo com as séries - Escola Particular

verbos	1ª série %	2ª série %	3ª série %	4ª série %	
ou	ø	3,7	1,3	2,5	1,6
	l	5,1	1,3	0,3	0
	u	91,2	97,3	97,2	98,4
iu	o	7,8	29,7	16,1	16,1
	l	2,6	5,4	1,6	0,9
	u	89,6	64,9	82,3	83
eu	l	7,3	1,8	0	0
	u	92,7	98,2	100	100
<b>não-verbos</b>					
Posição medial					
u	u	76,2	80,7	100	100
	l	23,8	19,3	0	0
l	l	36,4	77,1	88,9	89,4
	u	63,6	22,9	11,1	10,6
Posição final					
u	u	0	0	50	83,3
	l	100	100	50	16,7
l	l	-	97,1	-	97,7
	u	-	2,9	-	2,3

A partir dos índices dos apresentados acima podemos verificar que:

- a. verbos terminados em 'ou'- sofrem o apagamento da vogal alta, de maneira sistemática na oralidade. Na maioria dos casos em que há erros, as crianças estão sendo guiadas pela motivação fonética. O maior índice é de 9.3%, na primeira série da escola pública. Na escola particular, observa-se que a supergeneralização é a responsável pela maior parte dos erros, especialmente da primeira série, 5.1%.
- b. verbos terminados em 'iu' – apresentam um percentual mais elevado de erros, tanto na escola pública como na particular. Interessante notar que tais erros estão distribuídos em todas as séries. Nesses casos, na oralidade, não ocorre a monotongação, isto é, palavras como 'caiu' e 'sentiu' tem o ditongo preservado na pronúncia dos falantes. Interpretamos esses altos índices como a tentativa da

criança de evitar a seqüência de vogais altas, o que resulta no aparecimento de casos de supergeneralização.

- c. verbos terminados em 'eu' - assim como os verbos em 'iu' não sofrem redução na pronúncia, mas diferentemente daqueles apresentam percentuais muito baixos de erros na grafia. Este é o contexto menos freqüente dentre os verbos encontrados nos textos das crianças.
- d. nomes com 'u' no final da sílaba dentro da palavra - Na escola pública verificamos índices mais altos que permanecem em todas as séries estudadas e que se verificam apenas na primeira e na segunda séries da escola particular. Esses casos que envolvem a grafia de palavras como 'flauta' e 'causa' são por nós interpretados como casos de supergeneralização, motivado pela arbitrariedade do sistema ortográfico do português.
- e. nomes com 'l' no final da sílaba dentro da palavra - Na primeira série da escola pública, não foi encontrado nenhum caso de grafia incorreta. Atribuímos esse resultado ao fato de quase não haver contexto para a emergência dessa grafia. Já na primeira série da escola particular, verificamos o índice mais alto de erros encontrado, 63.3%. Nas demais séries, em ambas as escolas, observamos que os erros se mantêm ao longo das séries e são, nesse caso, motivados pela fonética e pela arbitrariedade do sistema.
- f. nomes com 'u' no final da sílaba final da palavra - Na escola particular, nas duas primeiras séries, foram poucos os exemplos, porém todos eles grafados com 'l', o que caracteriza caso de supergeneralização. No caso da escola pública não temos, na primeira e na segunda séries, palavras com o referido contexto.
- g. nomes com 'l' no final da sílaba final da palavra - Nesse contexto, os índices são bastante baixos provavelmente porque as palavras utilizadas pelas crianças sejam corriqueiras; 'qual', 'Manoel', 'gol' e 'animal', são alguns dos exemplos encontrados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira constatação a que chegamos, a respeito dos resultados obtidos, é a de que o número de erros não é excessivo. As tabelas mostraram também que em ambas as escolas o erro mais freqüente envolve os verbos terminados em 'iu', que passam na forma escrita para 'io', caso que consideramos motivado por supergeneralização.

Na escola particular, observam-se mais erros nos nomes em posição de coda medial e final. O 'l' passa para 'u' na medial e 'u' para 'l' na final, mas, apesar de os índices serem altos, há poucas ocorrências, em se comparando aos verbos. Como exemplo, podemos citar as grafias 'augum' e 'chapel'. Estes erros da coda medial são motivados foneticamente e da coda final são motivados por supergeneralização.

Um resultado que chamou a atenção diz respeito ao fato de, na escola pública, não ocorrerem muitos erros de supergeneralização na 1ª e na 2ª séries. Na escola particular, ao contrário, esses erros ocorrem em maior número exatamente nessas séries, com uma tendência a diminuir a partir da 3ª e 4ª, enquanto na pública observa-se um aumento no número de erros nas séries finais. Esse fenômeno vem sendo observado em outros estudos que estão sendo desenvolvidos tendo como base o mesmo corpus. Uma possível explicação está relacionada ao fato de ser a supergeneralização um indício de que a criança aprendeu uma determinada regra e isso ocorre depois de um período de exposição mais prolongada com a cultura letrada. Dessa forma, entendemos que essa diferença entre as escolas pode ser um sinal de que há uma pequena defasagem por parte dos alunos da escola pública em relação aos da escola particular.

### Referências Bibliográficas

BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970. [1983]

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 5ª ed. Rio de Janeiro: J.Ozon ed, 1973.

CARRAHER, Terezinha Nunes. Leitura e Escrita: Processos e Desenvolvimento. in: ALENCAR, Eunice Soriano de. *Novas Contribuições da Psicologia aos Processos de Ensino e Aprendizagem*. p. 15 a 48. 4ª ed. São Paulo: Cortez. 2001.

FARACO, Carlos Alberto. *Escrita e Alfabetização*. São Paulo: Contexto, 2001.

LEMLE, Miriam. *Guia Teórico do Alfabetizador*. São Paulo: Ática, 1982.

MIRANDA, Ana Ruth M. MEDINA, Sabrina Z. SILVA, Michelle R. da. O Sistema Ortográfico do Português Brasileiro e sua Aquisição. *Linguagem e Cidadania*. Revista Eletrônica, UFSM. Julho/dezembro, 2005, edição 14.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003